



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Aprender a Sorrir

A afetividade na educação infantil e o processo de ensino - aprendizagem

Bruna Carvalho Soares

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Helena Amaral de Fontoura

São Gonçalo,

2014

BRUNA CARVALHO SOARES

Aprender a Sorrir

A afetividade na educação infantil e o processo de ensino - aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a elaboração da monografia de conclusão do curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Amaral da Fontoura.

São Gonçalo

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

S676

Soares, Bruna Carvalho.

A afetividade na educação infantil e o processo de ensino –
aprendizagem/ Bruna Carvalho Soares - 2014.
43f.

Orientadora: Profª Drª Helena Amaral da Fontoura.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Afetividade. 2. Aprendizagem. I. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores III. Título.

CDU 371.13

Bruna Carvalho Soares

Aprender a Sorrir
A afetividade na educação infantil e o processo de ensino - aprendizagem

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do título de Graduado em Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em

Banca examinadora:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Amaral da Fontoura FFP/UERJ

Prof.^a Dr.^a Gianine Maria de Souza Pierro (Parecerista) FFP/UERJ

São Gonçalo

2014

DEDICATÓRIA

A família Soares, família de França e ao meu esposo por todo apoio, carinho, compreensão e amor... Durante todo o período de minha formação, como pedagoga.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado o dom da vida, sua graça e por permanecer ao meu lado, para que eu pudesse crescendo e amadurecendo para chegar até aqui. Obrigada Senhor!

Aos meus avós que mesmo em meio as dificuldades criaram meus pais enfatizando o valor do ser humano, a necessidade de amar e respeitar o próximo acima de tudo. Em especial a minha vó Emília, por todos os dias e horas que passou sentada ao meu lado no meu processo de ensino aprendizagem em toda a minha vida como estudante e principalmente em minha alfabetização.

Aos meus pais... ah meus pais, que com seu amor incondicional me proporcionaram força para que eu não desistisse. A todo carinho, dedicação e educação que fizeram parte do meu desenvolvimento como ser humano, como cidadã, que me levaram a escolha de ser uma profissional da educação. As irmãs queridas, amadas, lindas que sempre estiveram ao meu lado mesmo nos meus momentos de chatices. Obrigada família Soares por tudo, os amo porque os amo.

Aos meus padrinhos Luiz e Dedê, que sempre me apoiaram em tudo. Amo vocês.

A Família de França que me acolheu como uma de França e me ensinou e me ensina a cada dia viver com mais alegria... Obrigada, amo cada um de vocês!

Ao meu esposo, que sempre esteve presente desde o vestibular, durante os quatro anos de formação docente, me apoiando, me dando forças, me aturando em momentos de estresse e entendo alguns momentos de ausência. Obrigada meu amor, amo você muito mais que hoje e muito menos que amanhã.

As minhas amigas, Adryelle, Géssica, todas minhas amigas tendenciosas e... Natalia Lima que fizeram e fazem parte da minha formação com educadora, em como ser uma pessoa melhor e, que ajudaram durante esses quatro anos. Obrigada meninas!

A minha Orientadora, Helena Amaral da Fontoura, que a partir do 4º período quando a conheci me mostrou a importância de ser um educador que faz a diferença aonde quer que esteja e, que a relação afetiva entre professor e aluno não importa a idade e como ela acontece. A forma com que se dirige a alguém, um olhar, um sorriso e

até mesmo chamar a atenção contribui para a evolução do ser humano. Obrigada professora, com você pude concluir meu trabalho de formação e começar uma carreira como educadora. Deus te abençoe.

A todo o corpo docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro da Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP), que contribuiu de forma concreta na minha formação íntegra, seja ela como pessoa ou como profissional. E a todas as professoras dos estágios que fiz, com a sua prática, demonstraram o que é ser um professor e uma professora, que se preocupam em formar pessoas compromissadas com o mundo.

Obrigada a todos que fazem parte da minha história, que Deus possa derramar sobre cada um de vocês inúmeras bênçãos.

Bruna Soares.

Seres humanos afetam e são afetados por outros e pelas circunstâncias históricas nas quais estão inscritos. Educar é um grande ato de afetividade, portanto, ousou incluí-lo entre as competências para a docência.

Simone Sabino

RESUMO

SOARES, Bruna Carvalho. *Aprender a sorrir – A afetividade na Educação Infantil e o processo de ensino – aprendizagem*. 2015. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Ao longo de minha vida o ambiente escolar sempre foi um lugar de diversas relações, mas que me chamava a atenção era a relação estabelecida entre professor e aluno. Que para cada indivíduo contido na escola o resultado dessa relação é diferenciado, muitas vezes positivos outras não. Saindo da condição de aluna e, observando como futura educadora, percebi que essa relação, esse vínculo, a afetividade pode vir a contribuir para o sucesso de muitos educandos, porém não foi um assunto abordado durante a minha formação dentro da universidade. O presente trabalho de conclusão do curso de Pedagogia tem o intuito de reconhecer a importância, a contribuição da afetividade para o desenvolvimento das crianças da educação infantil no seu processo de ensino aprendizagem. No qual através de uma pesquisa qualitativa com cinco professoras, apurou essa temática, fundamentando-se entres os principais teóricos da psicologia da educação, Piaget, Vygotsky e Wallon. E apoiado em Paulo Freire compreender a necessidade de uma prática pedagógica que valorize a individualidade de cada um, em que o diálogo e o afeto serão as bases. A pesquisa teve como intenção encontrar, perceber e observar as relações afetivas, a partir das visões das professoras entrevistadas. Como resultado do trabalho elaborado, reconhece a necessidade de uma formação que abranja essa temática e considera-se a afetividade um fator indispensável nas interações sociais, principalmente na infância e para a construção de conhecimentos.

Palavras-chaves: Afetividade. Educação Infantil. Relação professor–aluno. Processo ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

SOARES, Bruna Carvalho. Learn to smile - The affection in early childhood education and the teaching - learning process. 2015. Monograph (Undergraduate Education) - University of Teacher Education, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Throughout my life the school environment has always been a place of many relationships, but he called my attention was the relation between teacher and student. That for each individual contained in the school the result of this relationship is different, often positive others do not. Leaving the student condition and watching as a future educator, I realized that this relationship, this bond, affection may ultimately contribute to the success of many students, however there was a subject matter during my training within the university. This working conclusion of the Faculty of Education aims to recognize the importance of the contribution of affection for children's development of early childhood education in their teaching and learning process. In which through a qualitative research with five teachers, found this theme, if the justification for enters the main theorists of education psychology, Piaget, Vygotsky and Wallon. And supported by Paulo Freire understand the need for a pedagogical practice that values the individuality of each one, in which dialogue and affection will be the bases. The research was intended to find, understand and observe the emotional relationships, from the views of the interviewed teachers. As a result of the elaborate work, recognizes the need for training covering this subject and considers the affectivity an indispensable factor in social interactions, especially in childhood and for the construction of knowledge.

Keywords: Affection. Early Childhood Education. Teacher-student relationship. Teaching-learning process.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO 1 - AFETIVIDADE E A SUA RELAÇÃO COM A INFÂNCIA | 14 |
| 1.1 O que é afetividade? | 14 |
| 1.2 Reconhecendo a Infância: Percorrendo o passado..... | 14 |
| 1.3 No Brasil: Educação Infantil..... | 15 |
| 1.4 A afetividade no ambiente escolar..... | 18 |
| CAPÍTULO 2 - A TEORIA QUE COMPÕE A PRÁTICA | 20 |
| 2.1 Piaget | 20 |
| 2.2 Vygotsky: Aquisição de conhecimentos através da interação com o meio | 22 |
| 2.3 Wallon: O valor da dimensão afetiva na construção do sujeito..... | 24 |
| 2.4 Interagindo com Piaget, Vygotsky e Wallon | 25 |
| CAPÍTULO 3 - AFETIVIDADE E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM | 27 |
| 3.1 Professor e o educando | 27 |
| 3.2 Como acontece na prática: Entrevistas | 28 |
| 3.3 Questionário com as professoras | 29 |
| 3.4 Reflexões sobre a pesquisa | 36 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 41 |
| ANEXOS | 42 |

INTRODUÇÃO

Em minha vida sempre ouvi: “Independente do que faça, faça o melhor”. Isso não quer dizer que hoje aos 23 anos de idade, tudo o que fiz em minha vida foi dá melhor forma, ou que realmente fiz o melhor que poderia fazer, até porque sou um ser humano passível ao erro; mas de algum jeito essa frase me retorna a cabeça me dando forças para acreditar que posso, que consigo, fazer o meu melhor. Pode não ser o melhor para os outros, mas foi exatamente o meu melhor.

A frase citada acima quem me disse foram meus pais, de fácil compreensão a importância que dou a ela. Mas aposto que está se perguntando o porquê dela na introdução de um trabalho de conclusão de curso. Os agradecimentos não bastavam? Não, não bastavam pois a relação afetiva que tenho com meus pais, refletiram na relação que tenho com o meu trabalho no ambiente escolar, ou em qualquer outro ambiente, conseqüentemente no meu trabalho de conclusão de curso.

No decorrer do curso de Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores, iniciei minha atividade no âmbito escolar, na educação infantil, em uma escola pequena perto de minha residência. Minha relação com a infância sempre foi bastante prazerosa, pois tenho certeza que os pequenos têm muito a nos ensinar. Durante o curso diversos tipos de conhecimentos foram adquiridos, desde os conhecimentos teóricos até os conhecimentos adquiridos nas relações interpessoais no decorrer do curso. E foi observando o processo de ensino aprendizagem na universidade que percebi que os professores falavam sobre todos os temas possíveis relacionados a aprendizagem dos nossos futuros educandos, porém a forma com que essa relação de ensino aprendizagem iria acontecer, ou o que seria imprescindível para que a construção do conhecimento acontecesse verdadeiramente.

Falou-se diversas vezes para respeitar as etapas cognitivas de cada um, como o ilustre Piaget, vem nos ajudar com seus estudos. Falou-se que é preciso conhecer e compreender o mundo, a visão de mundo de cada pequenino como nos alerta Paulo Freire. Mas não se proferiu como se daria a relação entre professor e aluno, para que houvesse de fato o reconhecimento dos períodos de desenvolvimento de Piaget e para conhecer um pouco mais da visão de mundo de cada educando. Por quê? Talvez porque essa relação aconteça de forma natural? Ou por que no mundo em que estamos vivendo

com tantas atribuições não estamos mais valorizando as relações interpessoais que temos uns com os outros?

A partir dessa perspectiva, em pleno quarto período, resolvi que meu trabalho de conclusão de curso iria dialogar com a educação moral. Em vista que as pessoas estão cada vez menos respeitando – se, e nem tendo tempo para ouvir e falar com o próximo. Porém no meio do caminho... Na escola em que trabalhava me mudaram de função, de auxiliar da educação infantil, para mediadora de uma criança diagnosticada com autismo e, paralelamente eu fazia um estágio na Associação de Reabilitação Fluminense, na cidade de Niterói, no setor de psicopedagogia – um setor que atende crianças com diversas deficiências, para estimular com atividades pedagógicas diversas áreas do conhecimento – desde então comecei aprender a sorrir...

Durante todo o tempo que trabalhei como auxiliar da educação infantil, sempre valorizei a minha relação afetiva com as crianças. Saber que elas se sentiam bem, acolhidas, me trazia segurança para progredir na área educacional. Entretanto pensar que a relação afetiva poderia proporcionar concretamente aprendizado seja ele relacionado ao currículo da educação infantil, seja ele conhecimento relacionado ao senso comum... Foi somente após a minha aventura como mediadora.

Digo que comecei a aprender a sorrir porque foi em meio ao choro, reclamações, discordâncias, que fomos nos relacionando afetivamente e crescendo como ser humano...ser criança... ser um profissional da educação... que em meio as dificuldades criamos vínculos que me possibilitaram enxergar o outro com mais detalhes, delicadeza e particularidades. E hoje continuo a aprender a sorrir cada educando que permite que eu faça parte da sua história...

Diante de tantas vivências enriquecedoras, decidi por investigar o tema afetividade no âmbito escolar, para compreender melhor a relação entre professor e aluno e, como que essa relação contribui para o processo de ensino aprendizagem.

A pesquisa apresenta é de cunho qualitativo, no qual teve como metodologia buscar fundamentação teórica sobre a questão da afetividade na educação infantil e o processo de ensino – aprendizagem, analisando algumas ideias dos principais teóricos na área educacional – Piaget, Vygotsky e Wallon. Considerando também a concepção dialógica de Paulo Freire que defende uma prática educativa afetiva e comprometida com uma sociedade democrática em todas as suas relações.

CAPÍTULO 1 - AFETIVIDADE E A SUA RELAÇÃO COM A INFÂNCIA

Ao iniciar os estudos sobre a importância da afetividade na educação infantil, juntamente relacionado ao processo de aprendizagem, se fez necessário buscar o significado da palavra afetividade e o processo histórico do ser criança na sociedade.

1.1 O que é afetividade?

Há diferentes perspectivas para a definição da palavra afetividade, entre elas, a perspectiva filosófica, psicológica e pedagógica. Afetividade é um termo que deriva a palavra afeto e afetivo; designa a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos, fenômenos psíquicos que são experimentados, vivenciados na forma de emoções e sentimentos. Assim como segundo o dicionário Aurélio (1994) afetividade é uma palavra feminina, com a seguinte definição: “Conjuntos de fenômenos sobre a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado de alegria ou tristeza”.

No contexto da psicologia afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos. As relações afetivas não podem ser ignoradas, pois estão presentes no desenvolvimento, fazem parte da natureza humana e podem interferir positivamente nos processos cognitivos.

E qual a relação da infância com a afetividade?

1.2 Reconhecendo a Infância: Percorrendo o passado

Durante muito tempo, a educação da criança foi considerada uma responsabilidade das famílias ou do grupo social a qual ela pertencia. [...] a educação infantil tal como a conhecemos hoje, realizada de forma complementar à família, é um fato muito recente. Nem sempre ocorreu do mesmo modo, tem, portanto, uma história. (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p13)

Mulheres e crianças desde antiguidade eram considerados seres inferiores, não eram dignos de nenhum tipo de tratamento diferenciado, e a duração da infância era reduzida. Era provável que no século XII que não houvesse lugar para infância, uma vez que a arte medieval não a conhecia (ARIÈS, 1978).

Ser criança era como ser uma espécie de instrumento de manipulação ideológica na mão dos adultos, logo que exibiam independência física eram inseridas no mundo adulto. Não passavam pelos estágios da infância instituídos pela sociedade atual. A educação e a socialização da criança durante a Idade Média não eram controladas pela família, eram garantidas pela aprendizagem através de tarefas realizadas juntamente com os adultos.

A preocupação com a educação, o sentimento de infância, o comportamento no meio social, são concepções que surgiram na modernidade, houve um processo histórico para a sociedade vir a valorizar a infância. E com o decorrer do tempo os sinais de desenvolvimento com a infância tornam-se mais numerosos e significativos, assim como os modos de se vestir, com a preocupação com a educação, bem como a separação das crianças de classes sociais diferentes.

A partir do século XIX a preocupação com a criança torna-se presente, torna-se presente, tanto no Brasil como em outros lugares. O com o crescimento do número de fábricas, o capitalismo fazendo parte da cultura da sociedade moderna e a inserção da mulher no mercado de trabalho; houve uma necessidade que tivesse estabelecimentos que ficassem com as crianças enquanto seus responsáveis estivessem trabalhando.

“O nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social vigente, modificando os hábitos e costumes das famílias. [...]” (PASCOAL E MACHADO, 2009, p. 80).

Os primeiros locais em que atendiam as crianças, enquanto suas mães estavam no trabalho, foram na Europa e nos Estados Unidos. De início eram de cunho assistencialista, mulheres que prestavam seus serviços cuidando das crianças, onde o enfoque era a guarda, a higiene, alimentação e cuidados físicos das crianças. Assim como afirma Pascoal e Machado em 2009.

Mesmo reconhecendo a necessidade de cuidados diferenciados para as crianças, ainda demorou um pouco para que pesquisas conceberem em seus estudos e análises entre sociedade, infância e escola, demorou a compreender a criança como um ser histórico e de direitos.

1.3 No Brasil: Educação Infantil

No Brasil, no século XX, surgem as primeiras instituições de atendimento a crianças, filhos de mães operárias, trabalhadoras. Com caráter assistencialista como

citado acima. De acordo com Kramer essas intuições eram características de grupos privados, como religiosos, médicos, voluntários, associações entre outros.

Resultado da mudança de pensamentos na sociedade e da luta das mães trabalhadoras que careciam de instituições, de algum lugar que pudesse manter seus filhos durante a jornada de trabalho;

[...] as creches e pré-escolas surgiram a partir das mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade: pela incorporação das mulheres à força de trabalho assalariado, na organização das famílias, num novo papel da mulher, [...] Mas também por razões que se identificam com um conjunto de ideias novas sobre a infância, sobre o papel da criança na sociedade e de como torná-la, através da educação, um indivíduo produtivo e ajustado as exigências desse conjunto social. (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p.15)

A ação assistencialista perdurou quase um século. Em 1988, a educação infantil teve seu reconhecimento, quando pela primeira vez passou a fazer parte da Constituição, em seguida, 1990, através do Estatuto da criança e do adolescente (ECA), passou a fazer parte dos direitos da sociedade brasileira, com atendimentos em creches e pré – escolas para crianças até os seis anos de idade. Na história do Brasil pela primeira vez, uma Constituição refere-se a direitos específicos das crianças, que não estejam circunscritos ao âmbito do direito da família. No qual declara direito da criança de 0 a 6 anos de idade é dever do Estado de proporcionar o atendimento em creches e pré-escolas. De acordo Craidy e Kaercher (2001, p.24) descreve:

[...] os pais, a sociedade e o poder público têm que respeitar e garantir os direitos das crianças definidos no artigo 227 que diz:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão.

A partir da Constituição de 1988, a educação infantil deixou de ter um caráter assistencialista, mas sim um caráter educativo, integrando o cuidar e o educar, necessitando da inserção de atividades pedagógicas que proporcionassem condições que contribuíssem para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Distinguindo o direito das crianças, reconhecendo-as como cidadãos que compõe a sociedade brasileira, em 1996 com a publicação da Emenda Constitucional

que cria a Lei de Diretrizes e Bases da educação, a LDB, (Lei nº 9.394/1996), a educação infantil torna-se a primeira etapa da educação básica do sistema educacional brasileiro, integrando-se aos ensinos fundamental e médio.

A Lei de Diretrizes e Bases evidencia:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796 Lei nº 12.796, de 2013)

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Desde então, a partir da LDB uma regulamentação referente a educação infantil entra em vigor, além de determinar finalidades sobre a mesma, estabelece e organiza outras particularidades que fazem parte e atendem a educação das infâncias como: a formação dos educadores, a elaboração de um plano pedagógico pelas instituições de ensino juntamente com educadores, entre outros.

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

Após dois anos, em 1998 um documento é organizado em três volumes; nomeado como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, aborda sugestões em propostas de trabalho para a educação infantil: o primeiro é uma Introdução, o segundo Formação pessoal e social, que refere-se aos processos de construção e autonomia das crianças e, o terceiro Conhecendo o Mundo, destaca

algumas temáticas em áreas do conhecimento da Educação Infantil, entre elas, a música, as artes visuais, o movimento, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática. Segundo o MEC tal documento:

(...) constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras. Sua função é contribuir com as políticas e programas de educação infantil, socializando informações, discussões e pesquisas, subsidiando o trabalho educativo de técnicos, professores e demais profissionais da educação infantil e apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais. (BRASIL, 1998, p13)

E mais documentos foram apresentados para subsidiar a ação dos educadores na Educação Infantil. Também em 1998, foi aprovado as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e, em 1999 as Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

1.4 A afetividade no ambiente escolar

Após percorrer rapidamente ao processo de reconhecimento e valorização da infância, da educação infantil e, identificar documentos e leis que apóiam o direito da criança de usufruir de um ambiente que promova seu desenvolvimento integral de forma saudável, identifica-se aos poucos a importância que a relação afetiva pode contribuir para o crescimento da criança. Pois quando se pensa em um desenvolvimento integral, citado acima pelos documentos conquistados pela população brasileira; pensa-se em todas as áreas do desenvolvimento infantil; e uma delas é parte emocional e de como ela interfere nas outras áreas.

Um dos momentos que mais deixam marcas durante a vida de um indivíduo, é na educação infantil. A maioria das experiências na fase da infância marcam as pessoas ao longo de suas vidas, onde a criança vivencia momentos diversos felizes e de aprendizagens significativas. Ao contrário, pode vir a ser um adulto com angústias, traumas e medos.

Por isso compreende-se atualmente que o ambiente escolar, necessita ser um ambiente que proporcione segurança.

Na educação infantil o professor colabora e influencia de forma significativa na vida de seus alunos. A criança o vê, como aquele que o protege, ajuda, ensina, transmite segurança e até mesmo um exemplo a ser seguido. Dessa forma a afetividade no cenário pedagógico da educação infantil, se torna algo primordial.

A afetividade é um dos elementos que colabora com o desenvolvimento do indivíduo. Através da vida social, por meio da interação com o outro, a criança cria vínculos afetivos e desenvolve-se. Contribuindo para a criação de melhores condições de aprendizagem, a afetividade, proporciona uma prática pedagógica de qualidade.

Uma prática pedagógica acolhedora, conduzida de simpatia, compreensão, afeição, escuta sensível e aceitação do outro, favorece a formação do auto conceito e da autoestima do aluno, o ajudando a ter autonomia. Principalmente para as crianças pequenas, que muitas vezes ao serem inseridas ao ambiente escolar, adaptar-se é motivo de angústia e insegurança.

Hillal (1985, apud ALENCASTRO, 2009, p. 18), ao mencionar o ambiente escolar, descreve a afetividade como suporte da inteligência, da vontade, da atividade e da personalidade. Sendo assim não há aprendizagem que realize sem que ela tome parte:

Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outro há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades.

Vale ressaltar a importância que os aspectos afetivos devem ser trabalhados cuidadosamente pelos professores na relação ensino-aprendizagem. Pois, o educador será aquele que irá mediar a criança e o conhecimento. Sem afeto não há aprendizagem, o professor muitas vezes, se torna um símbolo, assim como em geral pais e familiares, de afetividade para o educando.

CAPÍTULO 2 - A TEORIA QUE COMPÕE A PRÁTICA

Teorias que auxiliam e fundamentam a prática pedagógica, é neste capítulo que irá dialogar com teóricos e estudiosos do desenvolvimento humano que reconheceram o valor da afetividade no processo de construção de conhecimento, ensino e aprendizagem na infância.

2.1 Piaget

Na metade do século XX, Jean Piaget (1896 – 1980), um cientista suíço, influenciou fortemente o campo educacional. Nunca atuou como pedagogo, Piaget era biólogo, sua pesquisa era voltada rigorosamente para o processo de aquisição de conhecimento do ser humano, em particular a criança.

“A psicologia genética de Piaget surgiu como um instrumento para explicar o problema epistemológico da origem, da possibilidade, dos limites e da validade do conhecimento.” Assim como Salvador et al (1999, p. 87) refere-se a Piaget, a afetividade não era o objetivo de estudo do biólogo.

Entretanto, Piaget afirma que o conhecimento é construído pela criança através de sua interação com o meio. Observou que todas as crianças crescem por meio de estágios, no qual variam de acordo com a idade, até atingirem o pensamento formal, em que são capazes de refletir sobre o próprio pensamento.

Os estágios que Piaget estipulou, ele não os define com idades rígidas, porém apresentam sequência. Em “Didática: do ofício e da arte de ensinar”, suas autoras (FONTOURA, PIERRO e CHAVES, 2011, p. 44) relatam sucintamente as características de cada estágio:

- 1 Estágio sensório- motor, mais ou menos de 0 a 2 anos: a atividade intelectual da criança é de natureza sensorial e motora. A principal característica desse período é a ausência da função semiótica, isto é, a criança não representa mentalmente os objetos. Sua ação é direta sobre eles. Essas atividades serão o fundamento da atividade intelectual futura. A estimulação ambiental interferirá na passagem de um estágio para o outro.
- 2 Estágio pré-operacional, mais ou menos de 2 a 6 anos: a criança desenvolve a capacidade simbólica; já não depende unicamente de suas sensações, de seus movimentos, mas já distingue um significador (imagem, palavra ou símbolo) daquilo que ele significa (o objeto ausente), o significado. Para a educação é importante ressaltar o caráter lúdico do pensamento simbólico. Este período caracteriza-se

pelo egocentrismo, isto é, a criança ainda não se mostra capaz de colocar-se na perspectiva do outro; o pensamento pré-operacional é estágio rígido, a criança capta estados momentâneos, sem juntá-los em um todo; há uma predominância de acomodações e não das assimilações, e a criança parece incapaz de compreender a existência de fenômenos reversíveis, isto é, que se fizermos certas transformações, saber que somos capazes de restaurá-las, fazendo voltar ao estágio original, como por exemplo, a água que se transforma em gelo e aquecendo-se volta à forma original.

- 3 Estágio das operações concretas, mais ou menos dos 7 aos 11 anos: a criança já possui uma organização mental integrada, os sistemas de ação reúnem-se em todos integrados. Piaget fala em operações de pensamento ao invés de ações. É capaz de ver a totalidade de diferentes ângulos. Conclui e consolida as conversações de número, de substância e de peso. Apesar de ainda trabalhar com objetos, agora representados, sua flexibilidade de pensamento permite um sem número de aprendizagens.
- 4 Estágio das operações formais, mais ou menos dos 12 anos em diante: ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. A criança se liberta inteiramente do objeto, inclusive o representado, operando agora com a forma (em contra posição a conteúdo), situando o real em um conjunto de transformações. A grande novidade do nível das operações formais é que o sujeito torna-se capaz de raciocinar corretamente sobre proposições em que não acredita, ou que ainda não acredita, que ainda considera puras hipóteses. É capaz de inferir as consequências. Têm início os processos hipotético – dedutivos.

Cada estágio citado apresenta uma particularidade do desenvolvimento infantil, todos eles apresentam situações de interação com o meio que o cerca, com isso pode-se enxergar a influência das relações afetivas de acordo com cada etapa de crescimento infantil. Apesar do foco de pesquisa de Piaget, não ser as contribuições da relação afetiva para o desenvolvimento do ser humano. O pesquisador não deixou de mencionar a necessidade que o indivíduo tem relacionar-se afetivamente para desenvolver-se por inteiro, desempenhando um papel fundamental para o processo de funcionamento da inteligência. Segundo Piaget:

Vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo de estruturação e valorização... Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão... O ato de inteligência pressupõe pois, uma regulação energética interna (interesse, esforço, facilidade) ... (PIAGET, 1977, p. 16).

Logo, pode-se afirmar: o que motiva e estimula o interesse por algum tipo de aprendizagem, é o afeto, sem ele não há desenvolvimento mental. Para as crianças nos estágios sensório–motor e pré–operacional, as primeiras aprendizagens ocorrem através

da relação afetiva que estabelecem com seus pais. Sendo assim a cognição e afetividade, complementam-se promovendo o desenvolvimento uma a outra.

Só o afeto não é capaz de formar um indivíduo, de formar suas estruturas cognitivas, faz-se necessário um conjunto de estímulos. Contudo a ausência do afeto é capaz de retardar o processo de desenvolvimento das mesmas. A falta de equilíbrio no caráter afetivo pode prejudicar o funcionamento das atividades cognitivas.

2.2 Vygotsky: Aquisição de conhecimentos através da interação o meio

Lev Vygotsky (1896 – 1934) foi um professor pesquisador que passou a maior parte de sua vida na Rússia. A sua teoria é fundamentada no desenvolvimento do sujeito como resultado de um processo sócio- histórico, dando ênfase a importância da linguagem nesse desenvolvimento. O que norteou suas pesquisas foi a aquisição de conhecimentos do sujeito pela interação com o meio.

Assim como Piaget, o foco dos estudos Vygotsky não era a aquisição de conhecimento através das relações particularmente afetivas, entretanto FONTOURA, PIERRO E CHAVES, 2011, p. 53 - destacam para melhor entendimento sobre o objetivo dos estudos de Vygotsky:

Uma ideia central para a compreensão de suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio- histórico é a ideia de mediação enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe; portanto, enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações.

Lev acredita que a cultura é capaz de fornecer ao indivíduo sistemas simbólicos que representam a realidade, que permite construir a interpretação do mundo real como afirmam Fontoura, Pierro e Chaves(2011).

Vygotsky aprofundou seus estudos sobre o funcionamento dos aspectos cognitivos, mais precisamente as funções mentais e a consciência, propondo uma nova psicologia, fundamentada no materialismo histórico e dialético. Usa o termo função mental para referir-se a processos como pensamento memória, percepção e atenção. A organização dinâmica da consciência aplica-se ao afeto e ao intelecto La Taille (1992).

De acordo La Taille (1992, p.76) Lev esclarece que o pensamento tem seu início na espera da motivação, a qual inclui, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria à razão última do pensamento e assim uma compreensão

completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva. Apesar de a questão da afetividade não receber aprofundamento em sua teoria, Vygotsky põe em evidência a importância das ligações entre as dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico humano, propondo uma abordagem unificadora das referidas dimensões.

À vista disso, Vygotsky faz uma crítica a psicologia tradicional, que desagrega os aspectos intelectuais e afetivos, exprimindo uma percepção mais monista e holista. Separando intelecto do afeto,

(...) enquanto objetos de estudo, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional (...). A análise em unidades indica o caminho para a solução desses problemas de importância vital. Demonstra a existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem. Mostra que cada ideia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento da realidade ao qual se refere. Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das necessidades e impulsos de uma pessoa até a direção específica tomada por seus pensamentos, e o caminho inverso, a partir de seus pensamentos até o seu comportamento e a sua atividade” (VYGOSTSKY, 1989, pp.6-7 apud OLIVEIRA, 1992, pp. 76-77).

Na concepção de Vygotsky, a construção de uma “nova psicologia”, consiste em relacionar dinamicamente o intelecto e o afeto. Vygotsky (2000, p. 146) escreve que:

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial.

Demonstrada por algum gesto, palavra ou até mesmo através de um olhar, a afetividade está presente, sempre, nas experiências vividas pelos seres humanos. Ao ressaltar a importância das interações sociais, Vygotsky traz a concepção de que o convívio é um aspecto fundamental para a aprendizagem, defendendo que é através de um intenso processo de interação entre as pessoas que ocorre a construção de conhecimento. Consequentemente, o desenvolvimento infantil se dará pelo o que a rodeia no seu meio social, apropriando-se das particularidades e das práticas culturais envolvidas. Destacando o professor e os que fazem parte do convívio social da criança; como um fator importante não só para a construção do conhecimento mas também para o processo de constituição da própria criança e de sua forma de agir diante das situações diversas.

Vygotsky percebeu a afetividade, mesmo não sendo seu objeto de estudo, como parte significativa para o desenvolvimento cognitivo, intelectual de qualquer ser humano.

2.3 Wallon: O valor da dimensão afetiva na construção do sujeito

Francês, médico, filósofo e psicólogo, Henry Wallon (1879 – 1962), é mais um autor que irá contribuir com o debate sobre a importância da afetividade no campo do desenvolvimento humano.

A dimensão afetiva, para Wallon, ocupa o centro, referente a construção do conhecimento, tanto a dimensão afetiva quanto o conhecimento iniciam-se num período no qual ele denomina “impulsivo- emocional” que se prolonga até o primeiro ano de vida. A afetividade neste momento se restringe as manifestações fisiológicas da emoção, constituindo um ponto de partida para o psiquismo.

Fundamentado na filosofia dialética materialista; reconhecido por elaborar a teoria da emoção, Henry apresenta uma inspiração darwinista; vista como um instrumento de sobrevivência, caracterizada pela escassez da prole e pelo prolongado período de dependência. Ao perceber o ser humano como geneticamente biológico e social; propondo um estudo que visa a criança como um ser contextualizado nas suas relações com o meio. É a alta contagiosidade e poder epidêmico que o bebê humano exerce sobre os indivíduos que estão ao seu redor, “que Wallon considera o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie.” (DANTAS,1992, p. 85)

(...) meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON, 1971, p. 262)

Constituída como conduta, nas profundas raízes da vida orgânica; a emoção, Wallon irá descobrir a origem da função tônica, sob os componentes vegetativos dos estados emocionais.

Apresentando uma característica complexa e paradoxal; como já mencionado acima; ao mesmo tempo que se é social e biológico em sua natureza, o ser humano,

“realiza a transição entre o estado orgânico do ser e da sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social.” (DANTAS, 1992, P. 85)

Ao analisar os aspectos como o da prole reduzida no ser humano comparando com outros mamíferos, onde o período de dependência entre o bebê e os pais é maior, destaca-se a importância e a necessidade de se estar com o outro, contribuindo para o desenvolvimento humano. Sendo assim, o autor defende a emoção como o vínculo primeiro e mais forte entre os indivíduos. Compreendendo que a primeira relação do ser humano ao nascer é com o ambiente social, é através das pessoas que estão ao seu redor.

Partindo de um ponto de vista mais amplo, a afetividade para Wallon, envolve um conjunto maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade se faz presente num período mais tardio da evolução infantil, quando surgem os elementos simbólicos. É por meio do aparecimento destes que acontece a transformação das emoções em sentimentos. Levando em consideração que o processo de aprendizagem ocorre através das relações interpessoais, é por meio da convivência com o outro que a criança adquire novas formas de pensar e conseqüentemente de agir, apropriando-se e construindo novos conhecimentos.

Para Wallon, o indivíduo nasce com um equipamento orgânico, que lhe concede determinados recursos, para sua sobrevivência, porém será o meio que o cerca vai permitir que as potencialidades se desenvolvam. Na teoria walloniana, a vida emocional é a condição para a existência das relações; as emoções comportam a vida intelectual.

Paralelamente ao impacto que as conquistas feitas ao plano cognitivo têm sobre a vida afetiva, a dinâmica emocional terá sempre um impacto sobre a vida intelectual. [...] É graças à coesão social provocada pela emoção que a criança tem acesso a linguagem, instrumento fundamental da atividade intelectual. (GALVÃO, 2003, P. 76)

2.4 Interagindo com Piaget, Vygotsky e Wallon

Com Piaget, Vygotsky e Wallon pode-se observar a importância de valorizar e respeitar as fases do desenvolvimento humano, apesar da complexibilidade de tais teorias.

Além de identificar as particularidades que cada teoria apresenta, discernir que cada autor tem um objeto de estudo diferenciado; esses autores concordam quando

reconhecem que a cognição está vinculada ao afeto. Valorizando a relação afetiva construída entre um indivíduo e o outro, como principal ponte para o conhecimento, conseqüentemente para o desenvolvimento do ser humano de forma íntegra e saudável.

A afetividade será o fator que estimulará e impulsionará o educando a aprender, assim como Wallon e Vygotsky permitem compreender, possibilitando aos alunos uma aprendizagem de qualidade, que contribuirá com o seu crescimento.

CAPÍTULO 3 - AFETIVIDADE E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Diante das teorias estudadas conclui - se que o desenvolvimento se dará a partir das relações que o indivíduo tem um com o outro.

Ao pensar no ambiente escolar, o sujeito que irá proporcionar ao outro possibilidades para a construção de conhecimentos, será o professor. Em decorrência dessa realidade este capítulo consiste em discutir a importância da relação de afeto que se cria entre professor e aluno. E para exemplificar e reconhecer a contribuição ou não da afetividade no âmbito escolar foi realizada uma pesquisa qualitativa com professoras da Educação Infantil de diferentes escolas.

3.1 Professor e o educando

Para enriquecer o estudo sobre afetividade na educação infantil e o processo de ensino aprendizagem, nada mais justo do que dialogar com aquele que atualmente é considerado um dos maiores educadores brasileiros.

Seu trabalho não era direcionado para a infância, mas sua concepção sobre educação tem capacidade de abranger qualquer fase do desenvolvimento humano. Por apresentar uma visão humanista, importar-se com o sonho, a amorosidade e o diálogo, no âmbito do discurso e da ação, do ensinar e aprender; Paulo Freire (1921 – 1997) defende uma ação pedagógica que valoriza o indivíduo, aquilo que ele é, suas vivências e sua cultura. Concebendo o processo de aprendizagem que transmita e receba conhecimento, ou seja, que haja um processo de evolução de construção de conhecimento no qual ambas as partes, educador e educando, possam aprender e ensinar reciprocamente.

Freire tinha como base para seu trabalho pedagógico o diálogo, a escuta e o respeito ao aprendiz como pessoa capaz de produzir significado e não apenas receber lições passivamente. “A capacidade de utilizar o diálogo como recurso para ensinar e para desenvolver em cada aprendiz, o que Freire chamava de “consciência crítica” (FONTOURA, PIERRO, CHAVES, 2011, p. 29)

A afetividade é um dos elementos que colabora com o desenvolvimento do indivíduo. Através de sua vida social, por meio do contato que estabelece com o outro, a criança cria vínculos afetivos e desenvolve-se.

É na educação infantil, que a contribuição e a presença do professor influenciará de forma significativa na vida de seus alunos. A criança o vê, como quem o protege, o ajuda, o ensina, o apoia; quem transmite segurança, um exemplo a ser seguido.

Sendo assim se faz necessário, o educador precisar “combinar” o ensinar e o aprender, por meio da boniteza e da alegria. A capacidade pedagógica precisa despertar, estimular e desenvolver em seus educandos o gosto de querer bem e o gosto da alegria porque sem a qual a prática educativa perde o sentido. (FONTOURA, PIERRO, CHAVES, 2011, p. 29)

É no decorrer da alegria da prática pedagógica, das emoções que nortearam o dia a dia do fazer pedagógico, que construíram assim como nos ressalta Vygotsky, a afetividade entre professor e aluno, por meio dela o educador colabora para o desenvolvimento da autonomia, da autoestima e inter – relação da criança com seu ambiente e sociedade. O educador será o mediador das crianças entre os objetos de conhecimento.

Dialogando novamente com Wallon, entende que é preciso uma pedagogia que valorize a autoconstrução do educando, em todas as suas dimensões, seja elas corporais, afetivas, intelectuais e sociais. Ao se dirigir a figura do professor, Wallon desacata a importância de ser uma pessoa que esteja aberta para o aprendizado de novos métodos, para as mais diversas situações durante o ensino e a aprendizagem.

3.2 Como acontece na prática: entrevistas

Com o intuito de compreender e pensar sobre a diferença que a relação afetiva exerce sobre a relação entre professor e aluno e, as consequências dela sob o ensino e aprendizado infantil. Foi realizado uma pesquisa através de um questionário com respostas abertas, com cinco educadoras, três delas já formadas em Pedagogia e, as outras duas universitárias do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ – FFP) – Faculdade de Formação de Professores, cursando o 8º período. Ambos já trabalharam na educação infantil.

As questões que comporão as entrevistas com as professoras, tem o intuito de saber a visão que as mesmas têm sobre a relação afetiva, se elas compreendem que tal relação pode interferir ou não no processo de ensino aprendizagem das crianças da educação infantil. E outras questões que contribuem para a realização do trabalho apresentado.

Transcrevo as entrevistas abaixo para analisá-las.

3.3 Questionário com as professoras

O professor tem a capacidade em sua ação pedagógica de moldar o carácter do educando, podendo deixar marcas e grandes significados, valores nos alunos em formação.

Professora A: Aos 24 anos, com formação normal e cursando Licenciatura Plena em Pedagogia, atua na Educação Infantil há um ano e cinco meses.

Professora B: Aos 35 anos, mestre em educação, atua na Educação Infantil há nove anos.

Professora C: Aos 27 anos, formada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense – UFF, atua na Educação Infantil há 2 anos.

Professora D: Aos 22 anos, cursando Licenciatura Plena em Pedagogia, pela UERJ- FFP, atua na Educação Infantil há dois anos e seis meses.

Professora E: Aos 24 anos, recém formada em Pedagogia, atua na educação Infantil há três anos.

1- Qual o significado de afeto?

Professora A: Para mim afeto é sentimento e demonstração de carinho. É amizade, abraço, aconchego, respeito, cuidado e principalmente dedicação.

Professora B: Entendo que o afeto seja um sentimento bom que temos por aquilo ou aquele de quem temos apreço, identificação, proximidade, algo semelhante a querer bem.

Professora C: Afeto é toda ação que gera amor, carinho, cumplicidade, respeito.

Professora D: Eu acho que afeto é quando temos uma proximidade, um carinho, uma intimidade com alguém.

Professora E: A meu ver afeto vem da relação que nós criamos após conhecer e se identificar com os outros.

2- *Em quais momentos e como você demonstra afeto pelos seus alunos?*

Professora A: Em todos os momentos. Enquanto recebo meus pequenos quando chegam na creche, dando-lhes um abraço, um beijo. Durante as brincadeiras, nos momentos de cuidados, enquanto converso com eles sobre tudo o que faremos no dia, demonstrando-lhes respeito. Enquanto planejo pensando em suas preferências e necessidades. Acredito que em tudo o que faço pelos meus pequenos irradia o afeto que lhes tenho.

Professora B: Demonstrar afeto para as crianças é muito importante, como trabalho com amor ao trabalho e as crianças, acho que demonstro afeto o tempo todo, por meio de um abraço, um sorriso ou um olhar. Da chegada até a saída, muitas são as oportunidades que tenho para ser afetuosa com as crianças, quando chegam os recebo com um abraço e um sincero cumprimento,(não dá para fingir afeto pelas crianças, elas reconhecem quando você está sendo sincero), quando sentamos para conversar e ouço com atenção as novidades que eles trazem (eles adoram fazer isso, falam bastante), quando os impeço de se machucarem no parquinho, dizendo que não podem se jogar do escorrego e quando estão tristes ou machucados, nesse momento, é colo, cafuné e beijinho. Acredito que demonstrar afeto seja muito mais do que pegar no colo e dar abraços e beijos, mas demonstrar que se preocupa com o bem-estar deles.

Professora C: Tento demonstrar afeto pelos meus alunos em todos os momentos, até mesmo na hora da bronca. Converso com eles, e tento mostrar que se estou chamando a atenção dele, é porque acredito que ele possa ser melhor, e também porque gosto dele.

Durante o dia-a-dia temos muitos momentos em que podemos disseminar amor e carinho aos pequenos, seja num simples olhar, num abraço ou até mesmo com um beijinho.

Professora D: Como trabalhei com educação infantil, geralmente em turmas de maternal, onde as crianças são muito pequenas, eles demonstram um pouco mais de necessidade na questão do afeto, principalmente no início das aulas, onde eles sentem insegurança ao se separar da mãe, então acho que nesse momento é que eu mais demonstrei afeto aos meus alunos.

Professora E: Nos momentos que estamos juntos ou quando se mostra necessário, o afeto vem de você escutar os outros dar conselho quando necessário, fala uma palavra de conforto. Traduzindo o afeto vem de você tentar confortar os outros seja de qualquer forma.

3- *Percebe o afeto do seu aluno? Em quais momentos e de que maneira é demonstrado este afeto?*

Professora A: Sim, percebo, principalmente quando chegam na creche me procurando para dar um abraço, um beijo ou trazendo-me uma florzinha como demonstração de carinho. Quando me pedem um colinho, me fazem carinho, pedem para mexer no meu cabelo ou demonstram confiança em mim nas propostas de atividades ou quando prometo alguma coisa. Percebi que era querida quando ficavam triste na minha hora de ir embora. Acho que querer-nos presente também é uma demonstração de afeto.

Professora B: Sim, percebo. Criança é muito transparente, se gosta ou se não gosta ela vai demonstrar e ser bem clara quanto as suas emoções. Elas sorriem, abrem os braços e andam em minha direção sem ser incentivada pelo

adulto, quando fazem cartinhas e desenhos pra mim ou quando trazem aquela flor que veio murcha nos dedos por causa do calor.

Professora C: Crianças são muito sinceras. Elas demonstram a todo tempo o quanto gostam ou desgostam do professor. Ouço muito dos meus alunos que eu sou a “tia que briga”, mas também fico radiante quando recebo um forte abraço, um beijinho carinhoso e ouço “tia, eu te amo!” demonstrando todo afeto que os pequenos possuem por mim.

Professora D: Algumas vezes sim. Depende da criança, uns eram mais achegados, permitiam um contato maior, quanto físico, quando social, outros não, eram mais calados, não se aproximavam e criavam barreiras para a aproximação da professora. Os que demonstravam afeto, demonstravam sempre, como em forma de carinho, atenção, sentiam a necessidade de estar perto das professoras.

Professora E: Sim, quando eles estão satisfeitos com o que está sendo proposto ou até do nada mesmo. Quando eles chegam à sala de aula com um sorriso nos abraça ou chegam pulando de felicidade, quando eles falam que sentiram saudades, quando eles vão embora, mas voltam porque se esqueceram de dar o beijo na tia.

4- *A seu ver qual a importância de uma relação afetiva entre professor e aluno? Por quê?*

Professora A: Acho que uma relação afetiva entre aluno e professor é muito importante numa sala de aula, pois a partir daí se constituirá também a relação de confiança e respeito entre ambos, o que influenciará positivamente no processo ensino - aprendizagem. Um ambiente escolar onde existe a relação afetiva, de amizade entre professor e alunos é sempre um lugar mais agradável de estar e, sendo mais agradável, torna-se um lugar onde as atividades são melhor recebidas e os conhecimentos melhor construídos.

Professora B: A importância do afeto é total, tal qual o planejamento das atividades. Não dá para trabalhar com a educação de crianças sem gostar de educação e de crianças, teóricos já se dedicaram ao tema e constataram que o estudante aprende melhor com o professor que ele goste. A relação afetuosa entre professor e aluno libera o diálogo, permite que o aluno se coloque quanto as suas dúvidas e pensamentos e dá segurança ao aluno em relação ao que está sendo ensinado, além de promover um clima amistoso em sala, para todas as partes. Pessoas que têm boa relação quando estão juntas, é mais fácil sair coisa boa, ou seja, é mais fácil de trabalhar desta forma, quando há uma relação afetuosa entre as partes.

Professora C: A relação afetiva entre professor e aluno é de suma importância para o desenvolvimento do processo educacional. Estar com pessoas que gostamos e que nos fazem bem, deixa tudo mais prazeroso e interessante de se fazer. No processo educacional não é diferente, quando o aluno estabelece laços afetivos com o professor, ele estará mais disposto e interessado em aprender.

Professora D: Acho importante, pois o afeto permite que você tenha mais intimidade com a pessoa, e quanto mais intimidade mais fácil de conhecer, de saber como a pessoa está, na relação do professor com o aluno, quanto mais próximo o professor estiver do aluno, mais fácil será para conhecê-lo, saber como está seu desenvolvimento, o que a criança pensa, o que ela acha de determinadas coisas. E também a confiança que é gerada pelo afeto.

Professora E: É bem importante a afetividade para que o aluno confie na professora, porque quando ele está preocupado em ir embora ele não presta a devida atenção no que está sendo feito, assim, o aluno não dá abertura para o que está sendo proposto e perde parte do aprendizado.

5- *Quais atitudes do cotidiano cooperam afetivamente na relação professor-aluno?*

Professora A: Acho que o principal é um olhar diferenciado e um escutar atento por parte do educador, enxergar as potencialidades das crianças e escutar o que elas têm a dizer, sobre seu cotidiano, suas vontades e sentimentos, suas preferências de brincadeiras e outras atividades.

Como trabalho com educação infantil, acho muito importante manter um contato direto com a criança, abraçando-a e fazendo um carinho se possível todos os dias. Também acho que a conversa seja uma das atitudes primordiais dessa relação.

Professora B: Primeiramente é o respeito entre as pessoas, olhar o aluno com olhos de ver, ouvir o aluno com ouvidos de escutar e compreender. Como professor, estabelecer uma relação sincera, com disciplina, sem permissividades, mas com bastante afeto sim.

Professora C: Abraçar, acariciar e beijar nossos alunos são atitudes que facilitam a afetividade.

Professora D: Acho que a aproximação, a conversa, a confiança e a compreensão.

Professora E: A meu ver tudo ajuda, é um conjunto de atitudes que forma uma boa relação.

6- *Com que rotina é trabalhada atividades direcionadas a interação e a afetividade, e quais seriam estas atividades?*

Professora A: Na minha turma de maternal I uma das atividades permanentes, feita diariamente e que se constituía em momento de interação são as rodas de conversa e de músicas, onde oportunizava que todas as crianças falassem sobre suas vivências, preferências, vontades, e também sobre os brinquedos que levavam para a creche, além de cantarmos juntos musiquinhas do contexto infantil e que requer dos pequenos que deem as mãos. Durante as rodas de conversa tinha um momento em que eles eram orientados a dar um

abraço no coleguinha, cumprimentando com um bom dia, ampliando, assim, o contato físico de carinho e respeito pelos coleguinhas e educadoras.

As brincadeiras e atividades coletivas dirigidas ou livres também eram oportunizadas diariamente, pois através delas as crianças interagem e constroem as relações afetivas com os seus pares, precisam cooperar uns com os outros.

Professora B: Diariamente. Em momentos como a roda de cantigas, quando cantamos “põe aqui, põe aqui o seu pezinho, põe aqui, põe aqui, bem junto ao meu, ao tirar, ao tirar o seu pezinho, um abraço, um abraço dou-te eu”, quando paramos de falar para ouvir o que o outro tem a dizer, quando sentamos juntos para lanchar e dividimos os biscoitos com todos, quando brincamos de dar banho nas bonecas, com a leitura de um livro como: “Clact,clact,clact” que conta a história de uma tesoura que cortou papéis os separando, mas que depois eles se juntaram, nesse momento, a gente pode dizer que os papéis se uniram porque se gostavam muito e não podiam viver sozinhos, assim como as pessoas que não podem viver sozinhas e precisam umas das outras, quando dançamos juntos a música: “Pé com pé” do Palavra Cantada... Acredito que na Educação Infantil muitas horas devem ser dedicadas à interação e afetividade entre as crianças e os professores.

Professora C: Diariamente são trabalhadas atividades que estimulam a afetividade professor-aluno e aluno-aluno. Atividades que possuem maior contato físico e visual favorecem a disseminação do afeto.

Professora D: Na verdade não sei bem. O tema afetividade nunca foi discutido nas aulas da graduação, da UERJ-FFP. O que eu acho que sei sobre afetividade é um conceito meu, mas não tenho certeza. Em relação as atividades, acho que poderiam ser trabalhadas questões que abordassem os temas como cooperação, respeito, amizade, confiança, compreensão, aproximação.

Professora E: Atividades que propõem trabalhos em grupo ajudam na interação, afetividade e na colaboração.

3.4 Reflexões sobre a pesquisa

As professoras que participaram da entrevista demonstraram ter a consciência da importância do afeto no desenvolvimento do aluno e na relação professor – aluno; assim como Piaget, Vygotsky e Wallon entre outros, mesmo com concepções distintas. A realização do estudo sobre a afetividade no ambiente escolar, a meu ver se fez necessário, porque mesmo depois tanta evolução em relação ao reconhecimento da criança como um ser humano que possui direitos e conseqüentemente da Educação Infantil, como apresentado no início do trabalho; ainda não se atribuí o valor verdadeiro da afetividade na construção do ser humano e o seu conhecimento.

Por mais que se pense que há facilmente uma relação de afeto com as crianças da Educação Infantil seja fácil, porque são pequenos fofos e lindos; não é tão fácil como parece. Assim como Wallon estudou, a criança pequena cria um vínculo afetivo para se desenvolver no qual ela se torna dependente pois não tem autonomia ainda. E ao entrar no ambiente escolar, é um momento novo com experiências novas, como nos lembra Paulo Freire, ela já possui uma leitura de mundo, um conjunto de valores que estão sendo construídos através de suas vivências com seus responsáveis. Identifica-se assim a necessidade do afeto no início da vida escolar infantil.

Dessa forma ao pronunciar a palavra afeto e buscar seu significado durante todo o decorrer das entrevistas, menciona-se carinho, amor, respeito, olhar diferenciado, sinceridade e dedicação ao trabalho direcionado as crianças. Pode acontecer que haja momentos que não sejam tão prazerosos tanto para o aluno quanto para o professor. Pois para educar é preciso intervir, assim como aponta a professora “C”, na pergunta de número 3, porém reconhecer que a afetividade pode estar inserida nos momentos de intervenção proporciona segurança, confiança para o educando da mesma forma que a professora “D” aborda na pergunta de número 4.

Reconhecer a importância da afetividade na relação professor – aluno, colabora com na compreensão das atividades propostas e no planejamento das mesmas; como mencionado pela professora “B”, expondo que trabalhar com amor faz toda a diferença.

Uma das respostas ao longo da pesquisa, que chamou atenção, foi a da professora “D”, referente a pergunta 6 que interroga sobre as atividades direcionadas a interação e a afetividade. Ao responder ela faz menção a sua formação como educadora, ressaltando a falta de abordagem dos professores.

A partir dessa observação lembrei do meu processo de formação como educadora, na universidade e percebi que durante todo o curso não se abordou o tema afetividade, tanto para a educação infantil como para qualquer área de ação pedagógica. Evidente que durante quatro anos de formação não é possível abordar todos os assuntos necessários para a educação, não é atou-a que se fala tanto em formação continuada, há uma necessidade de estar sempre em formação, atualizando-se, pesquisando...

Entretanto três teóricos que compõem a base para uma educação, apesar de apresentarem diferentes olhares sobre o desenvolvimento humanos, reconheceram a importância de relacionar-se afetivamente com seus alunos para que possa haver uma aprendizagem, um desenvolvimento íntegro e saudável.

Não é necessário que as universidades abordem o tema para formação de futuros educadores? Será que o fato de não abrange o tema afetividade em diversos meios de formação profissional é a questão para os muitos adolescentes e jovens desinteressados pelos estudos, pelo conhecimento nos dias de hoje?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho, que tem como finalidade concluir o curso de Pedagogia, tive como principal objetivo enxergar a afetividade na educação infantil como um fator imprescindível para o desenvolvimento, para o processo de ensino-aprendizagem e, como o professor é capaz de potencializar o desenvolvimento do seu aluno através das relações afetivas.

Foi possível pensar em como a sociedade enxergava e enxerga a criança hoje e, que mesmo que entre linhas os vínculos afetivos sempre estiveram presentes no ato de educar.

Ao analisar as teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon, podemos pensar em uma proposta de ação educativa que trabalhe a cognição e o afeto. Quando retornamos a Wallon (1975), no qual diz que afetividade assume o papel fundamental na constituição e no funcionamento da Inteligência, pois, são os motivos, necessidades, desejos que direcionam o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo ao seu redor.

Escrever essa monografia não foi fácil, até chegar à conclusão, a decidir que iria falar sobre a afetividade na educação infantil e qual a sua intervenção no processo de desenvolvimento infantil, foi difícil. Ao fazer pesquisa para trabalhar um tema pensei em Educação Moral; afinal a meu ver vivemos em um mundo que ocorre uma mudança muito grande nos valores conquistados por nossos avós, pais, tios, professores... Pensei em escrever sobre a aprendizagem da criança autista, fui mediadora de aluno e psicopedagoga de uma criança, ambos diagnosticados com autismo, que começaram a me proporcionar uma visão de mundo diferente, com outro ângulo, a sorrir mais... Porém Deus nos permite escolhermos o caminho, mas sabe o que há de melhor para cada um de nós... E eu acredito nisso. Foi assim que os obstáculos no caminho me levaram a perceber o valor da relação afetiva.

Cheguei. Pronto. Decidi. É sobre a afetividade que vou redigir, que vou produzir um trabalho que possa contribuir para a formação de futuros educadores. Entretanto, ao sentar para monografar pude ter um pouco da dimensão que a relação afetiva influência no desenvolvimento das crianças da educação infantil. E ainda ousar dizer que influência, na vida de crianças no ensino fundamental, médio e a nós adultos que trabalhamos e interagimos, nos relacionamos diariamente incansavelmente com as pessoas.

Ah mas nem toda relação é afetiva? É pode até ser... Mas quando se fala em afetividade, se remete ao afeto e quando se fala em afeto, se fala sobre algo que o atinge, o afeta e o desestabiliza. E a meu ver a afetividade é uma relação que te tira do equilíbrio para que você cresça ao buscá-lo novamente.

Tenho uma grande dificuldade de escrever, um dos motivos para meu trabalho monográfico não estar tão denso, como tantos outros que li para fundamentar o meu. O outro é a preocupação que tenho com o leitor, de se minha escrita está chata, cansativa, repetitiva.

Agradeço os autores e tenho consciência da importância dos fundamentos teóricos apresentados e os que poderiam estar presentes neste trabalho. Contudo, como poder dialogar sobre a influência da afetividade para infância tão engessado, sem ouvir, ler e perceber o que alguns educadores fazem e aprende em suas relações afetivas com seus alunos. A possibilidade de construir e vivenciar diferenciados conhecimentos é maior. Por ao escrever as considerações finais, me libertei... Deixei a preocupação de mostrar nesse trabalho todas as teorias possíveis que comprovam e fundamentam a importância da relação afetiva. Quero reforçar que de maneira alguma, isso possa vir a ser um descaso com todo o trabalho elaborado e muito bem embasado de cada um desses autores citados, reconheço a necessidade de sempre estar estudando. Até porque se não fossem eles não existiria nem metade do meu trabalho.

Toda via quero chamar atenção, que assim como meus pais me disseram um dia para que eu pudesse fazer tudo da melhor forma possível, através desse trabalho internalizo a necessidade de nos relacionarmos afetivamente, verdadeiramente, com amor, porque mesmo que não estejamos na educação infantil ou nenhum outro ano de escolaridade; para crescermos como pessoas, seres humanos, precisamos estar nos relacionando. E para que esta relação desenvolva de fato outro e si mesmo é preciso que se estabeleça confiança e é só através da relação afetiva com seu aluno, poderá obter confiança, porque confiança se conquista assim como os conhecimentos que se adquire.

Isso me faz lembrar uma história que ouvi durante uma formação para o início do ano letivo. Eros e Psique, uma história grega ou mito. Psique era uma jovem que espera toda noite, um deus apaixonado vir amá-la em seus aposentos, porém ela nunca tinha visto seu rosto. Uma noite Eros se distraiu e Psique pegou uma vela para enxergar o seu rosto e ao ver atitude da jovem o deus se assustou e a vela o queimou. Desde então Psique nunca mais havia sido amada por Eros, pois para ele ir ao seu encontro ela precisava confiar, mesmo que não pudesse ver o seu rosto. Mas ela não desistiu de

querer estar ao seu lado novamente; e foram surgindo obstáculos em seu caminho para que pudesse ter como recompensa o amor de Eros, porém mais uma vez a curiosidade descabida de Psique a fez o perder mas dessa vez levou-a à morte.

Apesar de estar longe Eros ainda amava Psique, sentia que algo que existia nela o complementava-o, então o deus do amor resolveu ir ao seu encontro, entretanto ao encontra-la ela já estava morta. Então Eros, que ainda amava Psique, sentiu a necessidade de entrar no corpo da jovem, pois sem ela o deus não era o mesmo; eles se fundiram e se tornaram um só.

Esse mito resumido acima tenta “contar” a história de como a alma se fundiu ao corpo, onde razão e emoção passaram a pertencer ao ser humano. Pode ser que existam outros objetivos por traz da história, mas o que me chamou atenção foi a capacidade dos gregos mesmo que a séculos atrás; de que não se constrói conhecimento sem conter emoção, sem criar um vínculo afetivo com o que está sendo transmitido.

A meu ver Psique morreu porque sua curiosidade, ao meu entendimento ela queria “ver para crer”. E ao voltar para o ambiente escolar, a sala de aula, é o que acontece muitas vezes, é o que o professor proporciona ao aluno, a criança; ao concreto que muitas vezes ela pode até descobrir sozinha e não fará nenhum sentido para ela. Mas o afeto será o meio no qual o professor mediará aprendizagem, muitas vezes evitando que haja frustrações, proporcionando ao educando uma relação de apaixonamento pelo conhecimento, desenvolvendo-se de forma integral que abrange com cita Vygotsky todas as dimensões de desenvolvimento. E lembrando Piaget não pode separar cognitivo e afeto, pois dão suporte um ao outro para que haja aprendizagem.

Sendo assim encerro minhas considerações finais, fazendo um apelo a todos os futuros educadores do país. Valorizem cada particularidade, cada característica de cada criança estabelecendo uma relação afetiva que a impulsione a crescer... Crescer como ser humano, como um cidadão, crescer como alguém que pode fazer a diferença respeitando e valorizando o outro. Pois aprender a sorrir é proporcionar ao outro em meio as diversas dificuldades que o mundo exterior e interior apresentam uma aprendizagem transformadora, através do amor, do carinho, do afeto.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Constituição da República Federal do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394/1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. DOU 23.12.1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm>

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FONTOURA, Helena Amaral da; PIERRO, Gianine Maria de Souza; CHAVES, IduínaMont'AlverneBraun. **Didática: do ofício e da arte de ensinar**. Niterói: Intertexto, 2011.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm>

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p.78-95. Março, 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf>

_____. Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

SALVADOR, C. C.; MESTRES, M. M.; GOÑI, J. O.; GALLART, I.S. **Psicologia da Educação**. Trad. De Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. (1971) **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

ANEXOS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Faculdade de Formação de Professores – FFP

Departamento de Educação – Curso de Pedagogia

Pesquisa monográfica: Qual a contribuição da afetividade na educação infantil no processo de ensino aprendizagem?

Aluna: Bruna Carvalho Soares

QUESTIONÁRIO PARA SER FEITO COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

As questões contidas nesse questionário serão utilizadas como pesquisa de campo na monografia de final do curso de Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Faculdade de Formação de Professores – UERJ – FFP. Desde já grata pela contribuição, à identidade de vocês não será revelada.

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo de trabalho na educação infantil:

- 1- Qual o significado de afeto para você?
- 2- Em quais momentos e como você demonstra afeto pelos seus alunos?
- 3- Percebe o afeto do seu aluno? Em quais momentos e de que maneira é demonstrado este afeto?
- 4- A seu ver qual a importância de uma relação afetiva entre professor e aluno? Por quê?

- 5- Quais atitudes do cotidiano cooperam afetivamente na relação professor-aluno?
- 6- Com que rotina é trabalhada atividades direcionadas a interação e a afetividade, e quais seriam estas atividades?